



A contribuição bakhtiniana para a indexação de obras estético-literárias

The bakhtinian contribution to the indexing of aesthetic-literary works

Sandra Rafaela Batista da Silva 

Mestra em Ciência da Informação
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
sandra.rafaela@ufpe.br

Hélio Márcio Pajeú 

Doutor em Linguística
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
helio.pajeu@ufpe.br

Resumo

O objetivo deste artigo é ponderar como as concepções da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, sobretudo o gênero do discurso e o dialogismo, podem contribuir para a indexação de obras estético-literárias. A exposição das concepções desse filósofo leva ao entendimento de que a obra estético-literária, assim como a científica, é um gênero, logo tem elementos que precisam ser considerados na leitura documentária para fins de representação. Baseada no dialogismo, aspecto inerente ao enunciado, propõe a indexação dialógica como forma de identificar e até selecionar assuntos para representar tais obras, propondo, dessa forma, outra maneira de pensar e praticar a indexação. A metodologia tem caráter exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, realizada na forma de uma pesquisa bibliográfica e documental. Considera que qualquer obra estética é um enunciado concreto, e, para ser lida, interpretada e analisada, devem ser considerados os elementos que a constitui e o diálogo que estabelece com outros textos.

Palavras-chave: indexação; obras estético-literárias; Mikhail Bakhtin; indexação dialógica; ficção literária.

Abstract

The purpose of this article is to consider how the conceptions of Mikhail Bakhtin's philosophy of language, especially the discourse genre and dialogism, can contribute to the indexing of aesthetic-literary works. The exposition of this philosopher's conceptions leads to the understanding that the aesthetic-literary work, as well as the scientific one, is a genre, therefore it has elements that need to be considered in the documentary reading for purposes of representation. Based on dialogism, an aspect inherent to the utterance, he proposes dialogic indexing as a way of identifying and even selecting subjects to represent such works, thus proposing another way of thinking, and practicing indexing. The methodology has an exploratory and descriptive character with a qualitative approach, carried out in the form of a bibliographical and documentary research. It considers that any aesthetic work is a concrete statement, and, in order to be read, interpreted and analyzed, the elements that constitute it and the dialogue that it establishes with other texts must be considered.

Keywords: indexing; aesthetic-literary works; Mikhail Bakhtin; dialogic indexing; literary fiction.



doi: [10.28998/cirev.2022v10f](https://doi.org/10.28998/cirev.2022v10f)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 09/02/2023

Aceito em: 03/08/2023

Publicado em: 06/08/2023

1 INTRODUÇÃO

Uma das atividades da organização da informação é nomeada de indexação, nela são determinados os assuntos tratados em dado objeto informacional. Esses assuntos servem de pontos de acesso entre a obra e o consulente da Unidade de Informação. Ou seja, é possível pesquisar por um livro, por exemplo, sem saber o seu título ou o autor, ação recorrente e que traz resultados satisfatórios quando aplicado a obras científicas.

A estrutura de textos científicos é previsível o que facilita a identificação do tema e, conseqüentemente, a atribuição de termos indexadores referentes ao assunto. No entanto, ao consultar obras estético-literárias pelo assunto, o resultado não tem sido satisfatório, visto que poucos livros de ficção são retornados.

Dessa forma, percebemos que livros de ficção não receberam seus assuntos como ponto de acesso, ou seja, na consulta por assunto alguns itens do acervo estavam sendo negados ao usuário. Um agravante que vai de encontro com os principais objetivos da Unidade de Informação: atender às necessidades informacionais dos usuários quanto ao seu acervo, promover o acesso à informação e incentivar a leitura.

Um dos motivos que contribuem com essa realidade é que ao se tratar de obras de cunho artístico as formas de discurso são diversas e, mesmo que usem as mesmas características estruturais de texto, o assunto discutido pode não está explícito, como na obra científica. Assim, é possível tratar de um assunto sem usar o sinal (denotativo) correspondente ao mesmo.

As reflexões dos estudos da linguagem conformam práticas que possuem seu foco em analisar construções ideológicas presentes em um texto. Elas ponderam que um texto não é tão transparente como aparenta ser, e buscam então compreender os significados que se apresentam na materialidade linguística e que de igual modo a rodeiam na esfera do não apresentado, do não dito, do além-verbal, no domínio discursivo.

Para o Bakhtin, estamos em constante diálogo e “Todo texto participa de uma relação humana, de uma atividade humana.” (Gege, 2010, p. 44). Essas estruturas relativamente estáveis do texto é o que ele nomeou de gêneros do discurso. O dialogismo ocorre através de enunciados onde estão postas as palavras com seus significados conforme o contexto social.

Assim, os gêneros do discurso apresentam características provenientes do seu processo de criação, tais características precisam ser consideradas por indexadores quando se trata de texto técnico e científico. No entanto, o estético-literário não tem recebido esse mesmo tratamento, percepção obtida na consulta por assunto que retorna poucos trabalhos artísticos. Todavia, sendo a indexação a atividade que objetiva identificar e selecionar os assuntos de um documento colocando-os como ponto de acesso a esse documento no catálogo, entendemos que o tratamento desprendido a ficção literária está deixando a desejar.

Diante dessa realidade perguntamos: É possível identificar os assuntos de um documento ao considerar aspectos inerentes ao gênero do discurso ponderando um percurso dialógico?

Para discorrer acerca do gênero estético-literário e propor formas de pensá-lo, buscamos concepções de gênero do discurso na Linguística, pois ela apresenta teorias que possibilitam a interpretação dialógica dos textos, isto é, dos documentos que em processo de organização da informação devem ser indexados, nesse trabalho: a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin.

Portanto, o objetivo deste trabalho é ponderar como a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, sobretudo a sua concepção de gêneros do discurso, pode enriquecer os processos de indexação e de leitura documentária de obras estético-literárias, ao abordar as características do gênero e o percurso dialógico de leitura e cotejamento do documento com outros textos com os quais mantém uma determinada intertextualidade.

Neste trabalho, trazemos o levantamento bibliográfico pertinente ao escopo do tema, com o intuito de construir um referencial teórico que discuta as questões de organização da informação, de leitura documentária e de indexação de obras estético-literárias.

A metodologia da pesquisa tem caráter exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, realizada na forma de pesquisa bibliográfica – fontes secundárias – e documental – fontes primárias (Lakatos; Marconi, 1992). De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica utiliza fontes consolidadas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas.

A pesquisa qualitativa, conforme Lira (2014), é sempre descritiva, dado que as informações que foram obtidas não são quantificadas necessariamente, mas, interpretadas de modo relacional. Nesse tipo de pesquisa o trabalho desenvolvido pelo pesquisador estará diretamente ligado ao contexto estudado, uma vez que o contato direto do pesquisador com a situação estudada tornará a pesquisa rica em detalhes.

Quanto à organização do artigo, no referencial teórico, será apresentada uma breve biografia sobre Mikhail Bakhtin, assim como, sua filosofia da linguagem e a concepção acerca dos gêneros do discurso e do dialogismo, de modo a introduzir o leitor à filosofia do linguista. Em seguida, discorreremos sobre organização da informação e indexação, formando uma base interdisciplinar para os resultados e as considerações finais do trabalho.

2 MIKHAIL BAKHTIN, O CÍRCULO E SUA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin nasceu na cidade de Orel, Rússia, no dia 16 de novembro de 1895. O filósofo russo tem como base do seu pensamento uma língua que está em constante construção, o que, posteriormente, ele chamaria de *heteroglossia*. Negando dessa maneira, a existência de uma linguagem única da verdade e/ou uma linguagem oficial. (Brait; Campos, 2009; Clark; Holquist, 2008; Gege, 2010).

Ele escreveu importantes textos e livros publicados sob seu nome e sob nomes de amigos que modificaram e constituíram a epistemologia dos estudos da linguagem. Participou com alguns amigos de um Círculo filosófico (Clark; Holquist, 2008) que a princípio aparentava ser apenas um encontro informal no qual passavam horas debatendo filosofia, simplesmente porque gostavam de estudar, confrontar ideias diferentes e se divertir assistindo debates alheios.

Nesse meio, o pensador formou conceitos e preocupações que nortearam seus estudos pelo resto da vida. O grupo de amigos de Bakhtin, no Círculo, foi de grande notoriedade e eles passaram a circular entre os intelectuais da época, o que proporcionou o crescimento desse grupo. (Clark; Holquist, 2008).

O linguista se debruçou em pelo menos seis textos: um artigo intitulado “Arte e responsabilidade”; um livro sobre Dostoiévski; uma monografia “A estética da criação verbal”; um texto sobre filosofia moral, outro texto sobre a relação dos autores e dos personagens que criava e, um terceiro sobre ética e lei. (Clark; Holquist, 2008). O único texto que conse-

guiu publicar foi “Arte e responsabilidade¹”, no qual ele traz duas concepções acerca da unidade, para explicar que o todo é constituído de partes e que existe uma força que as ligam nesse todo.

Para o filósofo, o tempo da arte e o tempo da vida são diferentes, portanto, quando se está em um, não se está em outro e vice-versa. Contudo, é possível uni-las quando a minha responsabilidade (força externa) faz delas um todo. Assim que me esforço para externar na vida aquilo que experimentei e aprendi na arte, desse modo, as duas tornam-se inseparáveis por minha escolha, na minha vida. (Clark; Holquist, 2008; Gege, 2010).

No mesmo texto, Mikhail Bakhtin apresenta a ética no mundo da experiência cotidiana, relação entre o eu e os outros, sendo o eu sempre incompleto porque a consciência distingue eu dos outros, dessa maneira, preciso sempre do outro para me constituir, pois, através da leitura dele, eu sou. Logo, o eu só pode existir dialogicamente. Entendendo a comunicação entre os sujeitos dessa forma, o filósofo passou a perceber a existência e a importância do diálogo em várias esferas, fazendo com que se interessasse por várias áreas do conhecimento. (Clark; Holquist, 2008).

Arquitetônica é outro termo utilizado pelo linguista para a construção do discurso. Para expô-la, ele faz um paralelo entre vida e texto, ao dizer que a vida, quanto acontecimento, precisa de performadores (pessoas atuantes + eu), portanto, a relação, entre eles, necessita ser moldada por uma performance coerente. Assim, o texto também é constituído por esses elementos, visto que o autor cria não apenas os personagens, mas os demais elementos que farão a obra ter sentido, pois será semelhante à vida. Esse paralelo é possível em razão de ambos os elementos usarem a comunicação. Portanto, o eu e o outro na vida e no texto estão dialogando. (Clark; Holquist, 2008).

Alteridade é o termo atribuído por Bakhtin para representar essa relação entre eu e o outro, que fundamenta toda a existência, já que o outro me constitui, uma vez que a percepção de haver outro parte da distinção que não sou eu, sendo o diálogo a estrutura da existência. Esta distinção resulta na partilha do que é único, dado que cada um responde do lugar único que ocupa com a visão limitada que tem. Tornando a simultaneidade e o compartilhamento características relevantes da obra Bakhtiniana (Clark; Holquist, 2008).

Ao discorrer sobre palavra e autoria, ele entende a palavra como uma produção física com significado, porém, ela não é o que significa, na medida que um conjunto de letras pode representar algo, mas não é esse algo. Essa produção física é utilizada pelo eu na comunicação inclusive com ele mesmo, já que a natureza dos seres humanos é dialógica.

Já autoria é apresentada como uma ação pela qual o significado pode tomar na carne, dado que o leitor torna carne do autor. Para esclarecer, Mikhail diz que o autor é autor no processo da criação da obra, e não fora dela. Então, toda vez que a obra é lida, o leitor encarna o autor por meio das distinções que sua consciência consegue fazer entre eu e outros da obra.

Como a autoria é uma atividade da consciência, da mesma forma que não conseguimos visualizar o eu por não conseguir completá-lo, também não conseguimos visualizar o autor, mesmo recebendo ele o nome de narrador no texto, percebemos sua existência, mas não somos capazes de imaginá-la. (Clark; Holquist, 2008).

Em 1938, Bakhtin escreve dois ensaios: “Da pré-história do discurso novelístico” e “Épica e romance”; e redigiu sua tese de doutorado sobre Rabelais. (Brait; Campos, 2009; Gege, 2010).

¹ Traduzida no Brasil como: BAKHTIN, M. M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João, 2010.

Na década de 1940, o filósofo tem seu trabalho reconhecido pelas autarquias da época, recebe condecoração e passa a viver com regalias e, no dia 7 de março de 1975, Mikhail Bakhtin morre, sendo suas últimas palavras “Eu vou ter contigo.” (Gege, 2010).

3 O DIALOGISMO E OS GÊNEROS DO DISCURSO NA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA

Para Mikhail Bakhtin, através de duas formas o homem interage com o mundo e com os outros através do mundo, uma delas é a dialogia que ocorre quando forças se relacionam, mas não morrem, elas convivem e interagem de maneira tensa e contraditória (Gege, 2010).

A relação dialógica entre sujeitos ocorre via discursos, através de signos, fazendo parte do processo da estruturação da linguagem, visto que enunciados através de palavras e tais palavras com seus significados valorativos fazem parte de determinado contexto social.

A comunicação entre eu e o outro depende de interação e produz um enunciado que é dialógico por natureza, já que a língua é aprendida através do convívio social, o discursista ao construir seu enunciado imagina seu destinatário, e o próprio enunciado carrega discursos de outros. (Pajeú, 2009). Logo, a interação só pode ocorrer se o que está sendo dito é compreendido pelos sujeitos participantes da comunicação, tornando o enunciado completo quando dele pertencem outros elementos além das palavras – que por si só são abstratas.

Dentre esses elementos, o filósofo cita o contexto social, em razão de, a depender do meio em que essas palavras são usadas elas podem representar um valor que outros contextos sociais não adotaram. Desta forma, “A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal.” (Gege, 2010, p. 109).

Para o linguista, a linguagem liga todos os campos da atividade humana, sendo esses diversos, a língua também se torna diversificada por atender cada contexto social. Empregue-se a linguagem através de enunciados que podem ser orais e escritos; e esses são concretos, ou seja, reais e acabados; e únicos, logo, não repetíveis. Visto que, quando enunciamos, proferimos palavras com significados (conotativo/denotativo) e contextos, e esse conjunto nunca poderá ser repetido.

Evidentemente, cada enunciado particular é individual mas, cada campo de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, os quais denominamos **gêneros do discurso**. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (Bakhtin, 2003, p. 262, grifo do autor).

Os três elementos que constituem os gêneros do discurso são inseparáveis e determinados conforme o campo de conhecimento em que é utilizado, a saber:

- a) unidade temática, na qual não é somente o assunto abordado pelo enunciador, mas o recorte dado pelo mesmo e seu ponto de vista no momento único em que o enunciado ocorreu;
- b) estilo, que representa a individualidade de quem enuncia e as características correspondentes aos gêneros já estabelecidos; e
- c) forma composicional, que se refere à organização do discurso, o acabamento relativamente estável do enunciado. (Bakhtin, 2003).

Desta forma, para Bakhtin os gêneros do discurso surgiram dentro das convenções sociais em determinados contextos, cada meio social estabeleceu qual estrutura é condizente para a comunicação em seu meio. Apesar dessas convenções quanto às estruturas do enunciado, ele é sempre único, por representar o ponto de vista do eu, sob determinado aspecto em dado momento.

O linguista propõe uma diferença essencial entre os gêneros quanto à sua natureza, aqueles que pertencem aos discursos primários (simples) e secundários (complexos). Os primários partem de uma estrutura social desorganizada, o dia a dia, como, por exemplos, cartas e diálogos informais. Os secundários pertencem a um meio social, relativamente, desenvolvido e organizado, dentre eles romances e pesquisas científicas. (Machado, 2012).

No processo de formação do gênero do discurso secundário, ocorre a reelaboração e a incorporação dos primários. Sendo assim, os secundários utilizam os primários para se estabelecerem, mas a estrutura do novo meio exige, por vezes, adequações dos gêneros primários.

Esse processo exclui o vínculo inicial do gênero, pois passará a receber, em sua estrutura, elementos do contexto em que está inserido, tais elementos, provenientes de uma esfera social complexa, resultam em um gênero com a mesma característica (Bakhtin, 2003).

Bakhtin refuta o modelo tradicional de comunicação com a justificativa que o destinatário não é pacífico, mas também, responsivo, o próprio enunciatador se empenha para ser compreendido, já que ele espera do destinatário uma reação. Dessa maneira, a comunicação não consiste apenas em passar a mensagem, mas também, na compreensão desta pelo interlocutor, na sua resposta. (Machado, 2012).

Sendo assim, o destinatário se tornará também enunciatador e interlocutor de outros enunciados e responde a eles no momento que em enuncia, firmando dessa forma o diálogo. Afirma Bakhtin (2003, p. 272): “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.”

Para o filósofo, os enunciados não devem ser analisados fora do seu contexto de criação e intenção porque palavras e orações por si só não trazem a ideia do todo, que faz o dito ter sentido, mas que através delas o interlocutor constrói o enunciado. Essa ideia de todo ocorre devido à alternância dos sujeitos do discurso, que permitem ao outro saber que o enunciado foi concluído, gerando assim limites entre os que dialogam, posto que, o discurso passa a ter início e fim.

Então, esse todo precisa de outros elementos para que esses limites e alternâncias de sujeitos existam, não somente de orações e de palavras e, então, passem a ser enunciados. Os elementos são: ser expressa por um sujeito dentro de um contexto com pausas (ideia de acabado) e dos outros enunciados consecutivos e precedentes, tanto nas enunciações orais, quanto escritas e em qualquer gênero.

As obras especializadas sejam elas artísticas ou científicas, para o filósofo russo, também são unidades da comunicação discursiva porque estão delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, uma vez que os autores expressarão sua individualidade no interior da obra, separando-a dos demais trabalhos a ela vinculados.

No gênero primário, esses elementos tendem a ser percebidos com mais facilidade, devido à lógica dos fatos. No secundário, os elementos que o autor utiliza para deixar uma obra entendível e lógica aos homens fazem com ela se pareça com a vida e assim passamos ver tais elementos.

O linguista explica que o enunciado possui três peculiaridades: a primeira diz respeito à alternância dos sujeitos do discurso; a segunda refere-se à conclusibilidade; e a terceira é a

relação do enunciado com o próprio enunciador e com os outros participantes da comunicação discursiva. (Bakhtin, 2003). Tais aspectos serão destrinchados a seguir.

Sobre a alternância dos sujeitos do discurso, o filósofo diz que todo enunciado tem um início e um fim porque antes desse enunciado existiram outros que ajudaram na sua formação, igualmente, esse fará aos enunciados que serão formulados a partir dele.

Em relação à conclusibilidade, ele a compreende como o momento em que é possível perceber no enunciado que o sujeito concluiu seu pensamento por hora, ou seja, se fez compreender. O processo de compreensão considera não só as palavras, mas todo o contexto que circunda o enunciado.

Quanto à relação do enunciado com o próprio falante e com os outros participantes da comunicação discursiva, Bakhtin compreende que todo enunciado foi gerado a partir de enunciados de outros sujeitos e contribuirá para que outros enunciados surjam, caracterizando uma cadeia em que cada enunciado é um elo. (Bakhtin, 2003).

Essa inteireza do enunciado, que permite a resposta no outro, é deliberada por três elementos ligados ao todo do enunciado (Bakhtin, 2003), sendo:

- a) exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado, que é o esgotamento do tema para ser conclusivo, portanto, possível de resposta. Esse esgotamento pode ser pleno em alguns campos padronizados da vida (as questões da natureza puramente factual, pedidos, ordens, etc.) por não darem espaço à criatividade; nos campos da criação esse esgotamento é relativo e recebe acabamento suficiente para gerar resposta.
- b) intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do enunciador, que se refere ao recorte que o sujeito dará ao tema, seus objetivos, suas perspectivas. Esse querer dizer determina a escolha do objeto, os seus limites, o nível de esgotamento e a escolha da forma do gênero. Já que, em cada enunciado, é possível captar a intenção discursiva ou a vontade discursiva do enunciador. O destinatário imagina o que o enunciador quer dizer enquanto lê/ouve a mensagem e em dado momento ele percebe que a fala foi concluída. Essa percepção justifica a facilidade do destinatário em prever o todo do enunciado quando já tem conhecimento prévio do assunto, da obra ou do autor.
- c) formas estáveis de gênero do enunciado, pois, ao pensar em declarar o responsável pelo enunciado, utiliza orações, essas tendem a já integrar uma forma de gênero porque esse é aprendido com a língua materna. Logo, aprende-se, no convívio social, a moldar os discursos ao gênero, então, ao ouvir o discurso do outro, no princípio da sua fala, é possível identificar as características do gênero que está sendo usado. Assim como prever a dimensão e a conclusão do seu enunciado devido às exigências que determinada forma de gênero estabelece.

Os gêneros do discurso são inúmeros pela singularidade de cada função, posição social e relações pessoais que eles atendem. Na comunicação, os gêneros mais padronizados e oficiais tendem a não permitir a fuga do tom já convencionalizado; já nos gêneros livres de padrões, a criatividade é usual, o que não significa que eles estejam criando um gênero.

Dessarte, é possível concluir que qualquer obra estética é um enunciado concreto, pois possuem os elementos expostos por Bakhtin. Então, para ser lida, interpretada e analisada devem ser considerados os três elementos que a constitui e o diálogo que estabelece com outros textos.

4 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E INDEXAÇÃO

A Ciência da Informação originou-se como área interdisciplinar nasceu no âmago da revolução científica que seguiu a Segunda Guerra Mundial, com o ensejo de enfrentar os problemas de organização, crescimento, disseminação e uso do conhecimento científico, portanto, tendo suas apreensões alinhadas diretamente à origem da organização do conhecimento.

Para Borko (1968), a Ciência da Informação relaciona-se com o corpo de conhecimento relativo a produção, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação.

A Biblioteconomia, subárea da Ciência da Informação, tem dentre as suas atividades a organização da informação a qual trata de representar o conhecimento registrado com o propósito de torná-lo acessível aos usuários da Unidade de Informação. “O objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação.” (Brascher; Café, 2008, p. 5).

Para que esse objetivo seja alcançado, faz-se necessário descrever física e tematicamente os objetos informacionais (textos, imagens, registros sonoros, páginas da web, entre outros), sendo a descrição física a representação dos aspectos do suporte e a temática do conteúdo, sem esquecer da linguagem, a qual permeia as duas descrições.

Nesse processo de representação, é considerado o público-alvo da Unidade de Informação; o público-alvo do item a ser catalogado, já que o autor pensou nesse público no momento de estruturar o enunciado. (Mey, 1995).

Tais definições concordam com a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, quando declara que a linguagem é base para o enunciado, e que, ao formular um enunciado, o declarante pensa se os sujeitos que receberão a mensagem a compreenderá.

A informação e o seu suporte são descritos através de linguagens, esse processo é nomeado de representação da informação. Sendo a informação, produto do conhecimento, a organização da informação trata apenas dos registros desse conhecimento, daquilo que foi materializado, uma vez que o conhecimento é um processo mental.

Nas palavras de Brascher e Café (2008, p. 5), a “Organização da Informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais.” Atividade que não é fácil por demandar pesquisas extensas, por vezes, para estabelecimento de informações precisas.

Também se refere à organização de vários objetos informacionais em uma coleção da Unidade de Informação. A organização da informação busca individualizar determinado item com o propósito de possibilitar sua recuperação. (Brascher; Café, 2008).

As atividades de organização e de representação da informação se arquitetam basicamente sob três eixos: a representação descritiva, a representação temática, e a indexação e resumos. Nesse trabalho nos ateremos à indexação.

A indexação é o processo pelo qual é determinado o tema principal ou o assunto, e os subtemas ou os assuntos secundários, tratados em um documento e, posteriormente, traduzidos para uma linguagem de indexação. (Souza, 2009).

A análise de assunto, outra nomenclatura para atividade de indexação, é tida como uma das etapas mais importantes do trabalho do indexador, posto que tenha como finalidade a identificação de assuntos candidatos, concretizada no processo de leitura documental, envolvendo um empenho suplementar de compreensão e análise do texto. Essa leitura

pode ser auxiliada conforme o profissional tem domínio das características da obra em análise.

Lancaster (2004) compreende a indexação a partir de duas etapas: análise conceitual e tradução. Ele declara que o propósito principal da elaboração de índices e de resumos é construir representações de documentos publicados numa forma que se prestes à sua inclusão em algum tipo de base de dados.

Já Sousa e Fujita (2014), seguindo essa esteira de pensamento e ponderando os trabalhos de Chaumier (1988, p. 64), apontam que “[...] a indexação comporta quatro operações distintas, a saber: conhecimento do conteúdo do documento, escolha dos conceitos a serem representados, tradução dos conceitos e incorporação dos elementos sintáticos.”

Para Lancaster (2004), um dos desafios do indexador é prever como será feita a busca pelo usuário, para isso ele necessita saber qual seu público, ou seja, quem vai buscar essa informação. “A mesma publicação será indexada de modo bastante diferente em distintos centros de informação, e deve ser indexada de modo diferente se os grupos de usuários estiverem interessados no documento por diferentes razões.” (Lancaster, 2004, p. 8).

Francelin e Pinho (2011) alegam que, nesse processo, a atuação ética do profissional da informação é de suma importância, pois, ao se tratar de representação do conhecimento, principalmente com indexação, o bibliotecário não deve se preocupar apenas com o ‘como fazer’, mas também com o ‘para que fazer’, partindo do pressuposto que o produto e o processo devem atender a determinado público.

Mai (2005), ao discutir o papel do indexador, entende ser praticamente impossível para qualquer pessoa ou, nesse caso, qualquer indexador, precisar todas as ideias e todos os significados que estejam associados a qualquer objeto informacional, posto que sempre haverá ideias e significados potenciais que diferentes pessoas em momentos e lugares distintos poderão descobrir no mesmo.

Além do que é quase impossível prover com exatidão quais das inúmeras ideias e dos significados que estivessem associados ao documento seriam especificamente úteis para os usuários ou dariam a obra alguma utilidade duradoura. Todavia, o processo de indexação se dá mediante a leitura documentária que visa à seleção de termos que irão representar os conceitos relacionados ao objeto informacional no momento de busca e recuperação da informação.

Conforme aponta Fujita (1999), a estrutura do texto são pontos estrategicamente observados pelos profissionais durante a execução da atividade. Portanto, ler o documento, nesse caso ficção literária, considerando as suas peculiaridades e compreendo-o como objeto social auxiliará na representação temática do mesmo, pois o conhecimento prévio das características do gênero ajuda na leitura estratégica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O discurso propriamente dito é uma construção linguística que atrela o contexto social vivido pelo indivíduo na formação do texto, o que significa que uma produção tem as marcas do contexto político-social em que vive seu autor, bem como os seus leitores.

A análise dialógica do texto pondera questões ideológicas, sociológicas e todos os aspectos do discurso, que visam buscar a pluralidade de sentidos que se encontram abertos à interpretação do interlocutor/receptor/leitor. (Bakhtin, 2003).

Dessarte, baseando-se na filosofia da linguagem bakhtiniana, é possível afirmar que qualquer obra estética é um enunciado concreto por possuírem as características apontadas

pelo autor. Então, para ser lida, interpretada e analisada devem ser considerados os três elementos indissociáveis que a compõem e o diálogo que estabelece com outros textos.

Dessa maneira, não podemos ver a obra a ser catalogada isolada, principalmente, a literária; devemos recorrer às vozes existentes nela, as vozes que levaram à construção dela, e as vozes que respondem a ela.

Em vista disso, para atribuir o assunto de uma obra de ficção literária, convém ponderar o aspecto contextual desse título na sua criação e na sua locação atual, dado que o assunto indexado deve representar a obra nos dois contextos e não ser tratado de forma seca e universal por refletir apenas o significado do sinal.

Porquanto, essa postura interfere na qualidade da representação de assuntos, principalmente na literatura fictícia, a qual tende a fazer uso da conotação e sendo essas indexadas sem considerar o contexto, conforme o linguista russo, não será analisada por completo, resultando na perda do sentido. “Dessa forma não adianta encarar o texto deslocado de seu contexto e dos sujeitos interagentes. Perde-se com isso o texto. Não se consegue dessa forma compreender os sentidos presentes naquela dada interação.” (Gege, 2010, p. 44).

Tal tratamento nem corresponde bem a obras científicas porque, mesmo que o assunto tratado não possa mudar de significado (conotativa), ele passa a integrar o contexto da Unidade Informacional a qual está alocado, devendo essa influenciar nos assuntos a serem atribuídos.

Já nas obras literárias é possível o autor se referir a um assunto, atribuindo-lhe um sentido, seja pelo uso da conotação pessoal ou pelo significado em determinada esfera social. Esse só poderá ser percebido após considerar o estilo do autor, a época do gênero, o contexto em que a obra foi escrita e os trabalhos referentes ao mesmo, bem como as leituras de outros, feitas do próprio texto.

Assim, a maneira como a indexação é feita atualmente torna-se deficiente para obras estético-literárias porque as características desse gênero não estão sendo ponderadas na leitura, aparentemente o profissional não possui estratégia para encontrar os assuntos nelas. Isso leva a uma representação temática baseada na classificação do gênero e na nacionalidade na obra, informações geralmente localizadas na ficha catalográfica, parte da estrutura do livro comumente consultada na análise para fins de representação.

Cabe, então, pensar a indexação a partir de uma perspectiva dialógica e que pondere a completude da ficção literária. Esta perspectiva nos permitirá constituir um processo de indexação mais completo, que não se limite à descrição das subcategorias dos gêneros literários, como, por exemplo, romance, ficção e comédia, e contribuirá com a distinção entre palavra e enunciado propondo, assim, um olhar diferente acerca do assunto e, conseqüentemente, da atividade que o atribui: a indexação. Essa proposta teórica é nomeada indexação dialógica.

Indexação dialógica porque analisar a obra na sua completude para fins de representação requer uma perspectiva dialógica, ou seja, que pondere aspectos da obra física, da estrutura do gênero e de outros enunciados que dialogam com ela. Trazendo para a prática da indexação, fazer a leitura documentária do livro, mas também dos enunciados que outros sujeitos construíram acerca dessa obra. Visto que o Bakhtin alega que interlocutor tem um papel fundamental na escolha da estrutura composicional e do estilo, devido ao fato dele, ao ser considerado no processo do enunciadador, construir sua fala. Dependendo para quem ele fala, o gênero e a entonação serão diferentes, e será influenciado pelo tipo de relação que tem com o destinatário da mensagem.

Sem ponderar essa relação e a relação com os enunciados, é impossível compreender o gênero do discurso. Sem interlocutor não existe enunciado, no entanto, se uma oração tem destinatário ela é um enunciado, por todo processo que a engloba ao passar uma mensagem para alguém.

Aqui é possível notar a importância que deve ser dada ao outro na atribuição dos assuntos, sendo esse outro: o público a quem se destina a obra; o próprio bibliotecário indexador; os usuários da Unidade de Informação; e os demais que leram o objeto informacional em questão. Pois, o número de objetos informacionais a serem catalogados é grande em relação ao quantitativo de pessoas e ao tempo, ou seja, o indexador não poderá ler todos os livros com tanta acuidade.

Entretanto, assim como pesquisas *on-line* são realizadas nos catálogos das principais unidades de informação (inter)nacionais para incluir as informações que representam as obras no sistema, também é possível dialogar *on-line* ou presencialmente com os leitores das obras, coletando assuntos comuns da fala de cada um.

Esse diálogo pode ocorrer através de questionário aos usuários da Unidade de informação, na devolução dos livros; de pesquisas em *blogs*, *vlogs*; de trabalhos acadêmicos acerca da obra a ser indexada; de especialistas no assunto; e, sem esquecer, do bibliotecário que está incluindo o documento no acervo. Enfim, consultando outros sujeitos e/ou objetos informacionais existentes que dialogam com a obra em questão e contribuem para seu entendimento, ou até criando esses objetos, exercendo, dessa maneira, a indexação dialógica.

Assim, a maneira como a indexação é feita atualmente torna-se deficiente para obras estéticas porque os diversos sentidos que a arquetam não estão sendo ponderados, visto que o enunciado precisa ser examinado na relação com seu enunciador e na relação com outros enunciados a ele vinculados.

Vale ressaltar que se um assunto é atribuído a uma obra erroneamente quebra os princípios norteadores da indexação, uma vez que o item não está sendo representado pelo assunto de que trata. Enquanto a omissão de assuntos à obra fará com que ela seja recuperada em menos expressões de busca e o item informacional indiretamente negado ao usuário.

A construção teórica acerca da indexação dialógica, aqui exposta, levou a proposta prática de um modelo nomeado “Diretrizes para indexação de obras estético-literárias” (Silva, 2019), não será aprofundado neste trabalho, que considerou a indexação dialógica no percurso que levou a sua construção. Pretendemos explanar esse conceito em futuros trabalhos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções da filosofia da linguagem bakhtiniana nos ajudam a compreender que o texto não é tão transparente como aparenta ser e nos apontam aspectos inerentes ao gênero do discurso, revelando quanto o enunciado é dialógico. A obra estético-literária por ser um gênero possui os elementos e são dialógicas, dito de outra forma, o enunciado estético-literário possui os elementos apontados por Bakhtin, logo é gênero.

Partindo dessa compreensão, a leitura documentária para fins de representação pode fazer uso desses elementos para melhor representá-las no catálogo, com isso, melhorando a qualidade da indexação. A consciência da complexidade dessa etapa nos levou a propor a maneira de praticar isso, de modo que expressamos como ocorreria o dialogismo.

Entendo que a indexação que inclui apenas o gênero e a nacionalidade da obra não está representando por assunto, a não ser que o livro trate de gênero do discurso e de nacionalidades, propomos para auxiliar na prática o profissional a identificar possíveis assuntos, que a leitura documentária contemple o livro e outros enunciados que tratem dele. Dessa forma, entendemos que será possível identificar e confirmar, conforme se repetem, os assuntos pertinentes ao item em questão, sem aumentar significativamente o tempo despendido para isso.

É importante ressaltar que, quando falamos de consulta na Internet, pressupomos que na Unidade de Informação será possível esse acesso. Esse aspecto pode ser um ponto limitante dessa proposta, mas, quando a realidade não for essa, apresentamos outros itens de consulta, assim como não alegamos serem esses os únicos meios de consulta. Trouxemos exemplos de modo a expor com mais clareza o dialogismo para a indexação de obras estético-literária, tendo em vista que a grande demanda e a falta de pessoal têm sido argumentos recorrentes quando questionamos porque a obra de ficção não recebe termos referente aos seus assuntos.

Por isso, o processo da indexação dialógica, por meio da concepção dos gêneros do discurso, tem o dialogismo como fundamento. Pois, como a fala humana está repleta da fala de outros, a escrita por ser uma das formas de comunicação, atende ao mesmo padrão. Assim, demonstramos como as concepções da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, principalmente sobre gêneros do discurso e dialogismo, podem contribuir na indexação de obras estético-literárias, visto que essas obras necessitam de tratamento que atendam às suas características no processo de leitura com fins de identificação dos assuntos.

Pretendemos, em trabalhos futuros, alargar essa proposta para outros gêneros do discurso, assim como para outras atividades de representação da informação e, concomitante à ampliação, apresentar conceitos e modos de aplicação. Como dito na seção anterior, esta proposta teórica levou à elaboração de um modelo que foi aplicado em obras estético-literárias de modo a testar a viabilidade do dialogismo na indexação e as aplicações tem trazido resultados satisfatórios como também novas discussões acerca da prática dessa atividade tão relevante para o acesso à informação no catálogo de uma Unidade de Informação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

BORKO, Haroldo. Information Science: What is it? **American Documentation**, [s. l.], v.19, n.1, p. 3-5, jan. 1968.

BRAIT, Beth.; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: USP, ANCIB, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3016/2142>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas, instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCELIN, Marivalde Moacir; PINHO, Fabio Assis. **Conceitos na organização do conhecimento**. Recife: Ed. da UFPE, 2011.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, 4, n. 1, p. 101-116, 1999. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/3218>. Acesso em: 03 abr. 2018.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO - GEGE - UFSCAR. **Palavras e contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75947>. Acesso em: 01 fev. 2023.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chaves**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 151-166.

MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. **Information Processing & Management**, [Amsterdã], v. 41, n. 3, p. 599-611. 2005. Disponível em: http://jensermikmai.info/Papers/2005_AnalysisInIndexing.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1995.

PAJEÚ, Hélio Márcio. Sujeito, linguagem e alteridade: marcas dialógicas no recôndito dos gêneros do discurso. In: MIOTELLO, Valdemir (Org.). **Dialogismo: olhares, vozes, lugares**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009. p. 67-79.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/38498>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOUZA, Vanessa Inácio de. **Indexação**: teorias e práticas do corpo indexador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009. Monografia (Especialização em Gestão de Bibliotecas Universitárias) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18885>. Acesso em: 01 fev. 2023.